

REFLETINDO A PRÁTICA DOCENTE: UTILIZANDO GÊNEROS TEXTUAIS NAS AULAS DE BIOLOGIA

Ana Kaline de Lima; Silvia Regina Groto

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte - k_aline_14@hotmail.com)

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte - silviagroto@hotmail.com)

Resumo: Este trabalho relata uma experiência vivenciada na escola Ferreira Itajubá situada em Natal/ RN, durante o período de observação e regência do Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e tem por objetivo descrever e refletir a importância desta prática para a formação de professores, bem como analisar a possibilidade de utilização de gêneros textuais nas aulas de biologia. Como metodologia de ensino utilizou-se diferentes gêneros textuais, questões problemas e atividades práticas para abordar o conteúdo: bases químicas da vida. Observou-se a importância do estágio supervisionado como espaço que proporciona a autoreflexão do licenciando o que possibilita qualidade na sua formação docente. Notou-se também que a utilização de diferentes gêneros textuais enriqueceram as aulas de bases químicas da vida, os textos dialogaram com o cotidiano, e favoreceram maior interação entre professor e alunos.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Bases químicas da vida, Reflexão de prática.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O Estágio: uma ponte entre Universidade e Escola, uma fase entre licenciando e professor

Para a atividade docente é um grande desafio estar preparado para as reais necessidades apresentadas pelo cotidiano escolar contemporâneo que atualmente, ultrapassa a prática de aplicar teorias aprendidas ou repetir procedimentos e metodologias de outros contextos. (FELÍCIO; OLIVEIRA, 2008). Embora seja necessário conhecimento teórico sabe-se que são essenciais vivências práticas que possibilitem ao licenciando reconhecimento de seu espaço e o “ser” profissional.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96 (BRASIL, 1996), o Estágio Curricular Supervisionado é obrigatório nos cursos de licenciatura, conceituado como sendo atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho realizadas na comunidade, em geral, ou junto às pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino, tudo isso com o objetivo de aproximar o estudante de licenciatura a realidade profissional.

Kulcsar (2005), defende que o estágio não deve ser encarado pelos licenciandos e instituições como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, mas sim, como uma prática dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e possibilidades para mudanças.

O estágio como eixo central na formação de professores, permite conhecer os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade profissional (PIMENTA; LIMA, 2005).

Além de ser uma oportunidade de aprimoramento de parâmetros teóricos (RIBEIRO; ARAÚJO, 2017) e possibilitar a transição de aluno para professor (SOUZA et al; 2007)

Para Barreiro e Gebran (2006), o estágio deve ser entendido como espaço em que os saberes pedagógicos interagem entre as várias áreas de conhecimento e que favorece experiências para enfrentar desafios propiciados pela realidade escolar (MACIEL, 2012).

Esse contato direto no ambiente escolar, a partir da interação entre a teoria e prática, contribui para a reflexão sob uma análise de crítica construtiva da atuação docente para conhecer a dimensão social da prática pedagógica (PIMENTA, 2010). Isso inclui não apenas conhecer o campo de atuação, mas, permite refletir seu desempenho possibilitando a construção de novos conhecimentos (FILHO, 2010). A reflexão, é um dos conceitos mais utilizados nas tendências e propostas de formação de professores para referir à atuação dos profissionais em sala de aula (BARREIRO; GEBRAN, 2006), defende-se que ela contribui para a construção e reconstrução da prática profissional a partir do que se vivencia, teorias especializadas e prática pedagógica (BOLZAN; MILLANI, 2011)

1.2 Gêneros textuais nas aulas de biologia

Os PCNEM assinalam que a apropriação dos códigos, dos conceitos e dos métodos de cada uma das ciências deve servir para “[...] ampliar as possibilidades de compreensão e participação efetiva nesse mundo” e, dessa forma, desenvolver o saber científico e tecnológico como “[...] condição de cidadania” (BRASIL, 2016).

Em relação aos conteúdos relacionados ao ensino da bioquímica, os PCNEM recomendam trabalhar as bases químicas da vida levando em consideração conhecimentos tecnológicos, por meio dos quais os alunos poderão, em situações teóricas e práticas, perceber que todas as formas de vida são reconhecidas pela sua organização celular, evidência de sua origem única. Esses conhecimentos são fundamentais para que possam se situar e se posicionar no debate contemporâneo sobre as tecnologias de manipulações da vida.

Neste sentido é necessário que o ensino de Biologia faça uso de metodologias que valorizem o contato dos alunos com o conteúdo bem como com o cotidiano, possibilitando uma aprendizagem significativa, isto é, aquela na qual ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe sobre um conhecimento especificamente relevante, já existente na estrutura cognitiva do aluno e que fará sentido para a sua realidade social (MOREIRA, 2012)

Embora os PCNEM oriente o trabalho de bases químicas da vida considerando o uso de tecnologias uma possibilidade metodológica seria a utilização, em sala de aula, de diferentes gêneros textuais o que permite aos alunos identificar os tipos de gêneros, ampliar conhecimentos sobre o assunto neles contidos (MARCUSCHI et al., 2003) além de relacionar o conteúdo formal discutido em sala com o cotidiano (FURTADO; CHAGAS, 2015)

Schneuwly e Dolz (2004), afirmam que utilizar-se de gêneros textuais de outros domínios, além dos que possuem teor científico, é importante pois aborda esferas culturais diferentes e sua utilização em sala de aula configura-se em uma decisão didática que pretende atingir objetivos específicos de aprendizagem.

Dentre os gêneros textuais tem-se os mitos, Funari (2007), argumenta que os mitos servem para conhecer sobre os gregos, seu culto e relação com a natureza, utilização de instrumentos, ocupações, indagações sobre a vida, origem do universo e os locais que viviam e passaram. Autores como Ferreira; Nascimento Junior, (2014) defendem que a mitologia pode ser utilizada como ferramenta pedagógica, devido a significados que podem ser abstraídos, utilizando-se de analogias, comparações, e símbolos. Além de proporcionar conhecer um pouco da história e da existência da própria humanidade.

O uso da literatura na abordagem de conteúdos científicos, por exemplo, também é defendido por alguns autores (GROTO; MARTINS, 2017, 2015). Segundo esses autores a literatura contribui para a contextualização e problematização de conceitos científicos, inclusive quando esses conceitos surgem com erros conceituais, o que não é muito raro em textos não científicos.

Rocha, (2012) é um dos autores que justificam o uso dos textos científicos em sala de aula. Para ele, os textos despertam no aluno o interesse pelo conteúdo a ser trabalhado, fazendo com que este participe mais ativamente das discussões em sala de aula. Para além da motivação, os textos contextualizam os conteúdos e possibilitam a reflexão de temas relevantes socialmente, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes de seu papel na sociedade e possibilita a interação com outros textos. Esse recurso, quando inserido no contexto escolar, precisa ser transformado, ou seja re-significado (MARTINS et al, 2003), tornando-se um elo entre os conteúdos e os alunos (ROCHA, 2012)

Em gêneros textuais como literários, mitológicos e textos de divulgação científica trazem uma linguagem repleta de metáforas e analogias, que convidam a reflexão e a curiosidade. Tais textos procuram desmistificar o conhecimento científico, através de uma concepção de ciência como atividade humana, acessível e compreensível por todos. Além disso, estabelecem uma

conversa direta com o leitor (ROCHA, 2012), possuindo padrões sócios comunicativos distintos definidos por sua composição, objetivos e estilo que representam padrões históricos, sociais, institucionais e tecnológicos (MARCUSCHI et al., 2003).

Passamos agora a relatar algumas experiências vivenciadas durante o período de observação e regência do Estágio Supervisionado de Formação de Professores para o Ensino Médio do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Tentativa de descrição do “visível” e do “não visível”

O estágio foi realizado, no período matutino, na escola Ferreira Itajubá, localizada no Bairro Neópolis, – Natal/ RN. É uma escola relativamente pequena, contém 06 salas, banheiros coletivos para alunos e outro para professores, cantina, pátio, sala de coordenação, sala de professores, diretoria, secretaria, biblioteca, sala de vídeo, informática e seis salas de aulas. A escola dispõe de uma área livre que contém mesas e bancos, funcionando como uma praça, este ambiente é bastante utilizado pelos alunos nos intervalos entre aulas e, também, quando não desejam assisti-las.

Há três portões de “barreira”, para os alunos e professores terem acesso às salas de aula eles têm a função de impedir que os estudantes entrem na sala de aula atrasados bem como, que saiam do ambiente escolar, no intervalo e antes da aula finalizar.

A maioria das salas da escola são climatizadas com exceção da cantina, sala de vídeo e biblioteca. As salas de vídeo e informática dificilmente são utilizadas devido à escassez de recursos, a biblioteca contém livros didáticos, livros de literatura popular e alguns jogos, como xadrez e dominó.

Em vez de sineta a escola utiliza aparelho e caixa de som para informar o horário de entrada, saída e troca de horário dos professores, as músicas reproduzidas geralmente são selecionadas pelos alunos, ou apenas as que tocam na rádio.

Há turmas de ensino fundamental II bem como ensino médio, as escolhidas para minha regência foram: primeiro ano “A” e “B”, que continham em média 30 alunos, cada. O primeiro ano “A” era constituída por alunos regulares, já o “B” por alunos fora de faixa. Ainda assim, ambas turmas possuíam alunos participativos, com alguns mais quietos no “fundão”. Eles se relacionavam bem e demonstravam bastante afetividade uns com os outros. A relação professor e aluno era mista alguns gostavam bastante da aula do professor, outros não! Todos me receberam muito bem, não mostraram nenhuma objeção à minha regência.

A escola dispõe de um bom quadro de professores e núcleo gestor, o momento de encontro é sempre o intervalo, no período de socialização, há a parada para o café e discussão de assuntos diversos, estes vão desde as questões que dizem respeito aos alunos, pais, datas comemorativas da escola bem como, política, drogas e problemas sociais, são assuntos produtivos e de interesse comum. Em maioria, são simpáticos e recepcionam bem os estagiários e alunos, a relação entre todos parecia ser bastante harmônica.

Meu supervisor de estágio chama-se Vanderlei Cordeiro¹, o maratonista, este já ensina a muitos anos, tem experiências com escolas públicas e particulares, atualmente leciona nas escolas estaduais Ferreira Itajubá e Floca, no Instituto Federal de Currais Novos e em um cursinho preparatório em Currais Novos/RN. Devido ao grande número de turmas o professor possui uma carga horária elevada o que exige bastante esforço mental e físico, além disso nos finais de semana participa de maratonas de corrida. Suas atividades no meio da semana bem como no final, fazem jus ao apelido dado por mim. Durante as aulas de observação o professor mostrou-se bastante conteudista, mas dependendo da necessidade dos alunos adequava a aula para o que eles queriam aprender e não apenas para o que havia planejado ministrar!

2.2 Observação e planejamento

O estágio supervisionado é constituído de vinte horas de observação mais vinte de regência, no período de observação identifiquei características e necessidades de cada turma, analisei que o professor não trazia atividades práticas, textos ou qualquer atividade mais dinâmica que fosse atrativa aos alunos, nas aulas geralmente utilizava de slides e nisto ele discutia questões problemas, características históricas e contextualizadas do conteúdo, bem como os primeiros passos da ciência, buscava relacionar o conteúdo com o cotidiano do alunos, sempre dando exemplos e mostrando aplicação da teoria. Por várias vezes Vanderlei Cordeiro parava sua explanação e seguia a aula conforme os questionamentos dos alunos.

Embora bastante participativos os alunos utilizavam muito o celular, o professor necessitava ficar chamando atenção, pedindo para que guardassem o aparelho e ficassem em silêncio, em alguns momentos os ameaçava quanto a notas.

Recordo-me de um episódio que aconteceu no período de observação que chamou minha atenção, o professor iniciou a aula falando sobre algumas características da aula, explicou sobre os átomos que constituem a molécula, uma aluna comentou: - *Professor não estou entendendo nada!* O professor retomou o assunto desde o início e para facilitar o entendimento da aluna, explicou sobre

conceitos anteriores ao assunto que estava ministrando, neste caso o modelo atômico, eletrosfera etc, entretanto a aluna que havia dito que não estava entendendo, passou toda a explicação no celular e conversando com outros colegas, até que o professor disse: - *Você deveria parar e prestar atenção na minha aula! Você parou a minha aula, me fez retornar ao conteúdo que vocês já viram apenas para torná-lo mais simples para você, enquanto isso você me faz de palhaço, mexendo no celular, conversando sem dar a mínima para o que falo, há algumas aulas você vem fazendo sempre a mesma coisa, por favor, saia da sala.* A aluna se retirou e chorou fora da sala de aula, xingando o professor.

Atitudes como as citadas acima, podem controlar, de imediato, um comportamento perturbador, mas, por si só, não ensina o comportamento desejável nem sequer reduz o desejo de se portar mal novamente (PEREIRA, 2005). Segundo Aquino (1999), é preciso superar a fragmentação das relações, ou seja, o professor deve fazer tudo que está ao seu alcance para resolver o problema de indisciplina, evitando convocar pais, encaminhar o aluno para orientação ou direção.

E necessário uma maior aproximação com o aluno, identificar possíveis causas de sua indisciplina e assim agir com uma intervenção que não apenas discipline mas contribua para a mudança de comportamento (PEREIRA, 2005) No entanto, sabe-se que não é fácil agir assim, alguns situações em sala de aula desafiam o professor de tal modo que suas atitudes são consideravelmente compreendidas.

Meu primeiro planejamento foi “arquivado”, inicialmente o professor havia me falado que ministraria sobre citologia, depois alterou o conteúdo para bases químicas da vida, justificando que os alunos não entenderiam citologia se não soubessem quais eram os componentes celulares, necessitei me adequar ao novo desafio, o professor me deixou bastante à vontade para realizar as atividades conforme desejasse.

Como iria trabalhar sais minerais, vitaminas e carboidratos, fiz plano de ensino para toda a regência, nela estava contida a utilização de textos nas aulas, o uso do aplicativo, resolução de situações problemas e exercícios.

O plano de ensino foi fundamentado nas ideias de Luckesi (2001), ele defende que o planejamento deve estar comprometido com finalidades técnicas objetivando meios eficientes para obter resultados; sociais e políticos devido a responsabilidade social da educação; científicas na medida em que não pode planejar sem um conhecimento da realidade. Castro et al (2008), reporta que o professor além de ministrar conteúdos deve, portanto, preparar o aluno para que se torne atuante na sociedade, o plano de aula entra como um papel

norteador para que o alunado possa perceber a importância do que está sendo ensinado seja no dia a dia ou para o futuro.

2.3 E que comecem as aulas!

As aulas serão relatadas fragmentadas em conteúdos ministrados, que corresponde a um componente celular que foi trabalhado, com exceção do último relato que faz jus ao último dia de aula da minha regência. Cada seção trará como título uma fala: Do aluno (*em itálico*) ou minha (sublinhada). Descreverei metodologia usada, minhas reações e acontecimentos pertinentes.

2.3.1 – Professora muito provavelmente Atena ganhou a competição, já que existe a cidade de Atenas!

Sais minerais, esse conteúdo foi ministrado em três aulas, na primeira, trabalhamos um texto da mitologia grega, o objetivo era “introduzir” o assunto de forma contextualizada, interessante e ao mesmo tempo levando em consideração o gênero textual.

Falei da competição entre os dois deuses gregos do texto e questionei sobre quem havia ganhado a competição e eles disseram: – *Professora muito provavelmente Atena ganhou a competição, já que existe a cidade de Atenas!* O texto contribuiu para que participassem ativamente da aula. Fiz uma abordagem contextualizada sobre a Oliveira, um vegetal rico em sais minerais e lipídeos, conversamos sobre a importância econômica da azeitona e suas propriedades medicinais.

Nas aulas seguintes foram abordados de maneira detalhada os sais minerais, importância e onde são encontrados na natureza etc. Contextualizei o assunto enfatizando doenças ocasionadas pela carência e excesso de sais. Foram utilizados momentos para resolução de situações problemas.

Foram aulas interessantes e que me questionaram bastante, no entanto, percebi que no momento de fazerem as atividades eles estavam desestimulados e ficavam no celular.

2.3.2 – Professora qual a diferença entre caxumba e bócio?

Utilizeis duas aulas para trabalhar vitaminas. Aqui utilizei de literatura portuguesa, iniciei com um recorte do livro *Os Lusíadas*, o texto descrevia uma doença que acometia os marinheiros na época das navegações, o escorbuto, Camões o Autor do livro não sabia qual a doença, muito menos sua causa, então descreveu sucintamente os sintomas. Conversamos bastante sobre essa doença, causas, sintomas, e natureza da ciência. .

Abordamos dois estudos de caso sobre deficiência e carência das vitaminas, esses estudos eram atrativos uma vez que relacionava o conteúdo com o cotidiano do aluno, além de posicioná-los como avaliadores de caso.

Propus uma questão problema que relatava sobre a forma de como os médicos da época das navegações descobriram o que ocasionava o escorbuto. O objetivo era contextualizar a história com o método científico, fazendo uma abordagem sobre o que é ciência e como ela é aceita e reconhecida na nossa sociedade. Passei um exercício de dez questões para que fizessem em casa, e trouxessem na aula seguinte. Na aula seguinte corrigimos juntos as questões e seguimos com o conteúdo.

2.3.3 – O povo americano teve sua estatura estabilizada devido ao fast food, eles se alimentam muito de sandwich

Para iniciar a aula de carboidratos, levei um artigo científico que fala a respeito do crescimento da estatura da população mundial de 2014 em relação a de 1914, a população cresceu de 10 a 11 cm, conversamos sobre o fator genético e os demais que permitem a expressão máxima dos genes, como: alimentação, saúde, economia e fatores socioculturais.

Depois analisamos como os autores obtiveram os dados que foi através de análises antropométricas, discutimos toda a metodologia e propus fazermos o mesmo, mediante o material que tínhamos. Levei fitas métricas para que os alunos aferissem estatura, circunferências de partes do corpo e após calculassem o IMC para ver se estavam na classificação ideal de peso em relação à altura. Como não havia balança na escola, propus que os alunos fizessem o download do aplicativo ChiloApp que mediante as circunferências do tríceps, abdome e panturrilha calculava o peso.

Essa aula foi bastante divertida grande parte dos presentes interagiram e participaram da atividade, eles se envolveram muito com o aplicativo, e até mesmo aqueles que sabiam o peso, resolveram testar a eficiência da calculadora virtual.

Continuei em outro momento com o assunto de carboidratos, relacionando o valor energético da alimentação associado as questões abordadas no artigo, conversamos sobre o processo de fotossíntese e produção de carboidratos pelos vegetais, falamos da importância desse nutriente para o organismo e suas classificações.

2.3.4 – Quem mandou você detonar o sonho do seu colega?

No último dia, entreguei as atividades corrigidas e pedi que eles me avaliassem, depois fiz duas dinâmicas que tinha por objetivo fazê-los refletir, sobre suas atitudes, planos e escolhas.

A primeira foi a dinâmica: Meu sonho, pedi para que cada um escrevesse um sonho e o colocassem dentro do balão, distribui um palito para cada um e expliquei: Vocês devem defender o sonho de vocês, aquele que finalizar a dinâmica com o balão intacto, ganhará um presente.

Eles estouraram os balões uns dos outros, ou seja, detonaram os sonhos uns dos outros, como esperado, mesmo sem ter dito para que fizessem. No final os questionei: – Quem mandou você detonar o sonho do seu colega? A dinâmica tinha por objetivo fazê-los refletirem sobre o respeito e o amor ao próximo, que para defender e realizar sonhos não era necessário destruir os dos outros.

A segunda dinâmica era a continuidade da primeira, o aluno que permaneceu com o balão intacto ganhou um presente mas teve que passar para outro colega e isso aconteceu várias vezes, o presente era obtido mediante a uma virtude que o receptor tinha, como alegria, paz, simpatia, solidariedade, mas o presente nunca ficava com ele, era necessário passar ao próximo, o último a ficar com presente teve que dividi-lo com todos. Aqui conversamos que todos possuímos virtudes e que precisamos cultivá-las sempre! Discutimos sobre o trabalho em equipe e sobre tudo, o respeito ao próximo.

2.4 Pedras, flores e sementes. Autoreflexão

Durante o período de estágio vivenciei dificuldades, algumas pedras no caminho, dentre elas o nervosismo. Assumir uma turma, ainda que no estágio, não é tarefa fácil! É necessário preparo, levar atividades que despertem interesse e agir diferente dos professores frustrados que estão nas escolas. O estágio é um momento desafiador, por isso, gera insegurança e conseqüentemente nervosismo. Entendo que faz parte do processo e do contato com o novo, mas, ainda assim, notei que minha “performance” em sala de aula poderia ter sido bem melhor, e os alunos também, pois um aluno relatou ao me avaliar: - *Você em alguns momentos estava nervosa.*

Os questionamentos dos alunos certas vezes me causaram desconforto, embora gostasse quando me perguntavam, pois era um sinal de interesse pela aula, houve momentos que não conseguia responder, isso me causava constrangimento.

O domínio de sala também me fez refletir sobre minha prática docente em alguns momentos os alunos não obedeciam, portanto, necessitei ser mais rigorosa, embora soubesse que isso não disciplinava e nem lhes ensinava a fazer o correto como defendido por Pereira (2005), é difícil desenvolver um outro tipo de postura diante dessas situações.

Planejar não foi tarefa fácil! Necessitei dedicar muito tempo, foi necessário estar atenta as particularidades da turma, ser sensível ao que funcionaria ou não como atividade pedagógica diante das dificuldades que eles possuíam e que consegui observar, além de atentar para a responsabilidade social das minhas aulas (LUCKESI, 2001).

Estudar era preciso! Rever conceitos, ler, pesquisar sobre o assunto e novidades a respeito do tema, tudo isso requer bastante tempo e dedicação, o fato de estar concluindo e cursando dois estágios ao mesmo tempo somando-se à disciplinas, pesquisas e extensão me deixaram sobrecarregada, dificultando assim meus momentos de pesquisa.

Os desafios assim como pedras precisam ser superados! Já as flores é o resultado daquilo que cultivamos, a utilização de gêneros textuais foi uma delas, iniciar a aula de maneira mais “despojada” falando sobre cultura e cotidiano me trouxeram conforto e segurança, os alunos participavam da discussão mediante ao que haviam aprendido em séries anteriores e suas vivências diárias, o que enriquecia a aula. Os textos abordam assuntos como: super poderes, história, utilização de técnicas científicas e traziam uma constante relação com contextos sociais e culturais, esses fatores tornaram a aula harmoniosa desviando-se da ideia de que a aula boa é aquela conteudista, além de apresentarem alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas (MARCUSCHI et al., 2003).

A utilização de questões problemas e App também me trouxeram flores, assim como nas análises de Faht e Manzano (2009), essas ferramentas oportunizou a articulação entre diferentes formas de pensamento, também foram importante para que os alunos pudessem aplicar o que havia se discutido durante as aulas, isso me deu um retorno interessante, pois pude avalia-los e me avaliar.

Ao finalizar o plano de ensino percebi que talvez tivesse sido interessante solicitar a produção de gêneros textuais pelos alunos, acredito que o resultado seria positivo, pois, permitiria o aluno trabalhar a escrita, compreensão e capacidade de síntese quanto aos assuntos estudados, fica portanto, uma “semente” para outras atividades docentes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatizo a importância do estágio supervisionado para a formação do professor, este momento propõe ao licenciando a vivência em sala de aula, o choque com questionamentos, planejamento, domínio de classe, e nervosismo. O encontro com essas diferentes “variáveis” proporciona ao aluno o contato com sua futura realidade.

Mediante minha atuação como estagiária notei que utilizar gêneros textuais, foi importantíssimo uma vez que configura uma prática diferenciada e que dialoga com a realidade dos alunos (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004) o que torna o processo de ensino e aprendizagem positivo.

As discussões dos textos na disciplina de estágio e o auxílio da professora Sílvia Groto com dicas de como planejar e executar as atividades também foram importantes para tomada de decisão quanto a utilização de metodologias e comportamento em sala de aula.

Refletir sobre a prática docente é o que permite a mudança e o que nos desafia a ser um diferencial, ou seja, ser melhor para nossos alunos, para a escola, para a sociedade e acima de tudo para nós mesmo. Essa prática reflexiva como citada por Dib (2004), embora não se configure como garantia automática de sucesso profissional, permite ao professor uma postura de investigação constante na busca de novos sentidos e formas de ensinar,

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. Autoridade docente, autonomia discente: Uma equação possível e necessária. In: **Autoridade e autonomia na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1999. p. 131–153.
- BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. A. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. In: **Práticas de ensino de estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- BOLZAN, D. P. V.; MILLANI, S. M. DE F. Reflexões sobre a gestão pedagógica na escola. **Políticas Educativas**, v. 4, n. 2, p. 16–31, 2011.
- BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Diretrizes e Bases da Educação Nacional** Brasília. Diário Oficial da União, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN+) - Ciências da Natureza e suas Tecnologias** Brasília. Diário Oficial da União. 2016.
- CASTRO, P. A. P. et al. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **ATHENA. Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, p. 49–62, 2008.
- DIB, C. T. **Reflexão como teoria de ação desveladora: Analisando a própria prática docente**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.
- FAHT, E. C.; MANZANO, M. **Diferentes tentativas de resolução de problemas numa aula de biologia**. VII Enpec Encontro nacional de pesquisa em educação em ciências. **Anais...** Florianópolis: 2009.
- FELÍCIO, H. M. S.; OLIVEIRA, R. A. DE. A formação prática de professores no estágio curricular. **Educar**, n. 32, p. 215–232, 2008.
- FERREIRA, W. D.; NASCIMENTO JUNIOR, A. F. **A mitologia grega como estratégia para o ensino de zoologia: articulando a biologia com a língua portuguesa e suas literaturas**. XXIII Congresso de Pós-Graduação da UFLA. **Anais...** Lavras, 2014.
- FILHO, A. P. S. O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente. **Partes**, v. 1, p. 1, 2010.
- FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FURTADO, V. F.; CHAGAS, F. A. O. Uma alternativa para se trabalhar a educação ambiental de maneira interdisciplinar nas aulas de biologia e de língua portuguesa. **Polyphonia**, v. 26, p. 167–182, 2015.

GROTO, S.; MARTINS, A. F. P. **Literatura de Monteiro Lobato no ensino de ciências**. Natal: EDUFRN, 2017.

GROTO, S. R.; MARTINS, A. F. P. Monteiro Lobato em aulas de ciências: aproximando ciência e literatura na educação científica. **Ciência e Educação (Bauru)**, v. 21, n. 1, p. 219–238, 2015.

KULCSAR R, P. S. C. B. O estágio supervisionado como atividade integradora. In: **A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado**. 11. ed. São Paulo: Papirus, 2005.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e pre-posições**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MACIEL, E. M. **O estágio supervisionado na formação docente: espaço de desafios, possibilidades e aprendizagens de futuros professores**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP. **Anais...**Campinas: 2012

MARCUSCHI, L. A. et al. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade. In: **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19–38.

MARTINS, I.; et al. Análise do processo de re-elaboração discursiva de um texto de divulgação científica para um texto didático. **Revista Brasileira de Pesquisa e Educação em Ciências**, v. 1, n. 3, p. 1–9, 2003.

MOREIRA, M. A. □Al Final, Qué Es Aprendizaje Significativo? **Revista Currículum**, v. 25, p. 29–56, 2012.

PEREIRA, A. (In) disciplina na aula Uma revisão bibliográfica de autores portugueses. v. 193, n. 1992, p. 193–198, 2005.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: Unidade teoria e prática?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Considerações Iniciais. **Revista Poiesis**, v. 3, p. 5–24, 2005.

RIBEIRO, L. T. F.; , ARAÚJO, O. H. A. O estágio supervisionado: fios, desafios, movimentos e possibilidades de formação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 3, p. 1721–1735, 2017.

ROCHA, M. B. Contribuições dos textos de divulgação científica para o ensino de Ciências na perspectiva dos professores. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 14, n. 1, p. 132–150, 2012.

SCHNEUWLY, B. et al. Os gêneros escolares das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado das letras, 2004. p. 71–91.

SOUZA, J. C. A.; BONELA, L. A.; PAULA, A. H. DE. A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de educação física: uma visão docente e discente. **Movimentum**, v. 2, n. 2, p. 1–16, 2007.